

# AMBIGUIDADE DE SEGMENTAÇÃO: CASOS EM QUE A CADEIA FALADA VIABILIZA SEGMENTAÇÕES DE SENTIDOS ALTERNATIVOS

<https://doi.org/10.29327/210932.12.1-6>

Daniela Silva Ribeiro  
 Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, Mestrado em Letras, Campus Imperatriz, Maranhão - Brasil  
[danielabailarina19@gmail.com](mailto:danielabailarina19@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-8627-3936>

Suely da Silva Lima Sá  
 Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Letras, Maranhão - Brasil  
[suely.sa@uemasul.edu.br](mailto:suely.sa@uemasul.edu.br)  
<https://orcid.org/0009-0005-8739-8318>

Sônia Maria Nogueira  
 Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLE/UEMASUL, Maranhão - Brasil  
[ssonianogueira@uemasul.edu.br](mailto:ssonianogueira@uemasul.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-4005-4508>

**RESUMO:** Este trabalho insere-se na Linha de Pesquisa em Linguagem, Memória e Ensino, do PPGLe/UEMASUL, e tem por objetivo geral identificar casos em que há ocorrência da ambiguidade de segmentação. Além disso, entre os objetivos específicos: analisar a significação e sentidos alternativos presentes, especificamente no fenômeno semântico ambiguidade de segmentação, em tirinhas, charges e *memes* e, também, suas relações com a BNCC (Brasil, 2018). Para isso, o *corpus* consiste em tirinha, charge e *meme*, compartilhados em diversas mídias digitais. Assim, o aspecto de análise é a ambiguidade de segmentação. Para tanto, adotou-se como procedimento metodológico a abordagem qualitativa, de caráter descritivo, e dirige-se ao público especializado na área de Letras e Educação. Os fundamentos teóricos estão embasados, principalmente, em Ilari (2001), Ferrarezi Junior (2008), Abrahão (2018), entre outros. Os resultados comprovam que as tirinhas, charges e *memes* são ferramentas na construção de sentidos e são importantes aportes pedagógicos para refletir acerca da ambiguidade de segmentação, auxiliando no aprofundamento dos estudos semânticos e na compreensão da linguagem oral e escrita do processo ensino-aprendizagem. Verificou-se, ainda, que é possível identificar casos em que a cadeia falada é passível de segmentações de sentidos alternativos, causando ambiguidades. Evidenciou-se que a ambiguidade é um fenômeno semântico que estimula o raciocínio, a perspicácia dos leitores e a interpretação de mundo. O ensino desse aspecto semântico em sala de aula está voltado para a ampliação do conhecimento linguístico, tendo em vista a aprendizagem da língua materna, com o propósito de desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica da Língua Portuguesa. Ambiguidade de segmentação. Tirinhas. Charges. *Memes*

## **SEGMENTATION AMBIGUITY: CASES IN WHICH THE SPOKEN CHAIN ENABLES SEGMENTATIONS OF ALTERNATIVE MEANINGS**

**ABSTRACT:** This research is part of the PPGLe/UEMASUL Research Line on Language, Memory and Teaching and its general objective is to identify cases in which segmentation ambiguity occurs. In addition, among the specific objectives: to analyze the meaning and alternative meanings present, specifically in the semantic phenomenon of segmentation ambiguity, in comic strips, cartoons and memes, and also its relationship with the BNCC (Brazil, 2018). To this end, the corpus consists of comic strips, cartoons and memes shared on various digital media. Thus, the aspect of analysis is the ambiguity of segmentation. To this end, the methodological procedures adopted are qualitative,



descriptive and aimed at a specialized audience in the field of Literature and Education. The theoretical foundations are based mainly on Ilari (2001), Ferrarezi Junior (2008), Abrahão (2018), among others. The results show that comic strips, cartoons and memes are tools for constructing meaning, and are important pedagogical tools for reflecting on the ambiguity of segmentation, helping to deepen semantic studies and understanding of oral and written language in the teaching-learning process. It was also found that it is possible to identify cases in which the spoken string can be segmented into alternative meanings, causing ambiguity. It was shown that ambiguity is a semantic phenomenon that stimulates reasoning, readers' perceptiveness and interpretation of the world. Teaching this semantic aspect in the classroom is aimed at broadening linguistic knowledge, with a view to learning the mother tongue and developing students' communicative competence.

**KEYWORDS:** Semantics of the Portuguese Language. Segmentation Ambiguity. Comic strips. Charges. *Memes*.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se na Linha de Pesquisa em Linguagem, Memória e Ensino, do PPGLe/UEMASUL, e tem por objetivo geral identificar casos em que há ocorrência da ambiguidade de segmentação. Além disso, entre os objetivos específicos: analisar a significação e sentidos alternativos presentes, especificamente do fenômeno semântico ambiguidade de segmentação, em tirinhas, charges e *memes* e, também, suas relações com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para isso, o *corpus* consiste em tirinhas, charges e *memes*, compartilhados em diversas mídias digitais. Para tanto, possui como referencial teórico Ullmann (1964), Ilari (2001), Ferrarezi Junior (2008), Abrahão (2018), entre outros.

A pertinência deste estudo se dá pelo constante compartilhamento de tirinhas, charges e *memes* entre os adolescentes nas diferentes mídias digitais, que se tornam tão acessíveis nos dias atuais. Esses gêneros textuais podem ser usados como recursos didático-pedagógicos para o ensino da ambiguidade nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e têm como alvo o público especializado na área de Letras e Educação.

As mídias digitais são um importante meio de comunicação, leitura e produção textual. Elas podem despertar a curiosidade e ampliar a interação entre professores e alunos. Além disso, as mídias digitais, quando utilizadas corretamente, auxiliarão no melhor aproveitamento do tempo e darão aos alunos a oportunidade de adquirir experiência prática do que é trabalhado teoricamente em sala de aula. Considerando isso, a ambiguidade presente em tirinhas, charges e *memes*, quando utilizada de forma intencional, é um recurso favorável para a construção de sentidos, contribuindo na expansão dos estudos semânticos.

Utilizou-se como procedimento metodológico a abordagem qualitativa, de natureza descritiva. A categoria de análise consistiu na ambiguidade de segmentação. O artigo está constituído em cinco seções: Teoria de semântica, que incorpora o objeto de estudo desta ciência; Tirinhas, charges, *memes* e a BNCC (Brasil, 2018), aborda sobre esses gêneros textuais, bem como suas relações com a BNCC (Brasil, 2018); Metodologia, apresentando os procedimentos metodológicos empregados neste trabalho; Análise de casos com ocorrência de ambiguidade de segmentação, com a explanação dos dados com evidências de ambiguidade de segmentação; e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

*TEORIA DE SEMÂNTICA*

A semântica tem como foco o estudo do significado das palavras e se ocupa em estudar as relações de sentido que as palavras constituem entre si. Entender essas relações proporciona a ampliação do universo semântico, cooperando para uma maior diversidade vocabular e maior amoldamento aos diversos contextos e situações comunicativas.

Saeed (2009, p. 3, grifo nosso) corrobora que “**semântica** é o estudo do significado comunicado através da **linguagem**”. Desse modo, o autor apresenta o objeto de estudo da semântica, com foco no significado transmitido por meio da linguagem, não se limitando apenas às palavras, mas trazendo uma abordagem ampla de estudo dessa ciência. Salienta-se que a linguagem abrange qualquer meio de comunicar ideias ou sentimentos por meio de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais, entre outros. Além disso, Saeed (2009, p. 5) alega que “o significado linguístico é um subconjunto especial da capacidade humana mais geral de usar sinais”. Considerando isso, nota-se que o ser humano é dotado de um hábito inerente de identificar e criar signos, de fazer uma coisa representar outra, criando, dessa forma, os significados.

Saeed (2009) apresenta três desafios ao se fazer semântica: circularidade, a diferenciação do conhecimento linguístico do conhecimento geral e a contribuição do contexto para o significado. A circularidade estaria relacionada ao envolvimento de definições circulares, isto é, a procura interminável de definições do significado das palavras no dicionário. Em vista disso, Saeed (2009, p. 6) afirma que, “se as definições do significado das palavras forem dadas em palavras, o processo pode nunca terminar”. Este é um problema enfrentado pelos escritores de dicionário, pois estão sempre à procura de outras palavras para definir o significado de uma palavra específica.

O segundo desafio envolve a problemática de como garantir que as definições de uma palavra sejam exatas. Isso porque, conforme Saeed (2009), o significado é um tipo de conhecimento, assim há o levantamento de várias questões. Em particular, a principal questão é saber se o conhecimento linguístico é diferente do conhecimento geral. Já o terceiro tipo de desafio vem de olhar para o que as expressões específicas significam no contexto, uma vez que, se as características do contexto contribuem para o significado de um enunciado, como seria possível incluí-las em definições, considerando a infinidade de situações possíveis e interpretações?

De acordo com Marques (1996), foi o linguista francês Michel Bréal que usou pela primeira vez, em 1883, o vocábulo semântica e propôs a nova “ciência das significações”. A autora assegura que a disciplina semântica sugerida por Bréal dava passagem para que fossem vencidos os rígidos princípios mecanicistas dos neogramáticos e a concepção de língua como fenômeno físico, agregando à linguística o estudo de aspectos conceituais da linguagem.

Ferrarezi Junior (2008, p. 22) traça uma distinção entre significado e sentido, pois, segundo o autor, “o significado é visto como aquilo que é cognitivamente ativado pela linguagem no nível neurológico”. Por sua vez, os sentidos são “as manifestações linguis-

ticas do significado”. O autor destaca que cada sentido é composto por um conjunto de traços de significado culturalmente construído pelo falante e sua comunidade. Logo, a semântica se relaciona com os fatos culturais representados pela língua natural.

Acrescenta-se, ainda, que Ferrarezi Junior. (2008, p. 9) diz que “[...] a semântica é o fundamento de qualquer descrição e que não há qualquer razão para se falar em uma língua natural se não se falar no fato de que uma língua, em sua essência, é algo que ‘significa’”. Por isso, ele enfatiza que praticamente todas as teorias linguísticas já assumiram isso. O autor afirma também que, nos cursos de Letras, a formação na área da semântica é muito simplória, isso porque tem-se oferecido um espaço secundário a essa ciência e dado pouca importância à formação em semântica. Existe, dessa forma, uma insuficiência de formação que ocasiona uma deficiência na prática docente.

Ferrarezi Junior (2008, p. 17) indica que, no período da educação básica, “[...] serão criados os fundamentos de sua aprendizagem para uma educação de nível superior, que poderão ser fundamentos sólidos ou frágeis, dependendo da qualidade de ensino [...]”. Por essa razão, trata-se da época mais significativa da vida escolar, pois o estudante formará base do que seja a escola e o ensino, que, conseqüentemente, seguirão por toda a vida. Lima *et al.* (2021) afirmam:

Se o estudante, no espaço escolar, não compreende a teoria que o professor apresenta em sala de aula, terá dificuldade em interpretar aquele conhecimento, ou em atribuir sentido ao que está sendo apresentado. Portanto, não há produção de significado se esse processo de ensino não estiver direcionado também para fora dos muros escolares. (Lima *et al.*, 2021, p. 1737).

Salienta-se que, na semântica, existem vários fenômenos semânticos, entre eles a ambigüidade. No ensino de Língua Portuguesa, em especial, no Ensino Fundamental, torna-se relevante estudar sobre esse fenômeno semântico. Ferrarezi Junior (2008, p. 179) ratifica que a “ambigüidade é a possibilidade de um mesmo falante atribuir, a uma mesma sentença, em um mesmo contexto e em um mesmo cenário, mais de um sentido. Essa característica pode ser propositalmente construída por quem formulou a sentença, ou estar lá sem querer”.

A possibilidade de interpretar uma sentença de mais de uma forma é bem mais rara na fala do que na escrita. Ferrarezi Junior (2008, p. 179) exemplifica: “[...] quando falamos, isto é, quando estamos em uma situação de interlocução, conversando com uma pessoa normalmente, as informações contextuais e de cenário disponíveis nos ajudam a interpretar as sentenças na direção em que a conversa nos ‘leva’”. Não obstante, uma mesma sentença pode ganhar outro sentido, principalmente quando o interlocutor está disposto a complicar a comunicação.

Na escrita, em que as informações de cenário são mais escassas, o leitor e o escritor podem compartilhar realidades muito diferentes, até realidades culturais muito distintas, essa ausência de informações extras, além das que o próprio texto fornece, possibilita maior abertura para o aparecimento de ambigüidades. Ferrarezi Junior (2008) fala que,

na arte literária, ambiguidades intencionalmente estabelecidas são incluídas como um recurso estilístico importante.

Segundo Lima *et al.* (2021, p. 1740), “no gênero *meme*, por exemplo, nota-se que a ambiguidade, na maior parte das vezes, é proposital, planejada e elaborada com o intuito de gerar humor e comicidade”. Logo, a ambiguidade não se apresenta como erro, mas como um recurso discursivo. Se usada de forma intencional, contribui para a versatilidade do *meme*, permitindo que ele seja adaptado e reinterpretado de várias maneiras. Para Lima *et al.* (2021, p. 1738), “ambiguidade é um entre os vários processos de significações existentes na língua portuguesa. É possível identificar a presença desse fenômeno linguístico em vários gêneros textuais e neles perceber a significação das palavras em constante movimento”.

É importante notar que, ao enfatizar uma estratégia de significado, como a ambiguidade, percebe-se que sua construção se baseia em conotações, hiponímias e homonímias. Sobre a hiponímia, Abrahão (2018) afirma:

A hiponímia é uma relação existente entre palavras de sentido mais específico com outras de sentido mais genérico. Assim, vaca está numa relação de hiponímia com mamífero e este com animal. Trata-se, portanto, de uma relação paradigmática ou ‘para baixo’ em relação a uma listagem. Para baixo, porque o termo mais geral estaria abaixo dos demais. (Abrahão, 2018, p. 133).

A relação de hiponímia é fundamental na organização e compreensão do vocabulário, pois ajuda a estabelecer hierarquias de significado e a entender como os termos estão relacionados uns aos outros. Essa relação é comumente usada em diversas áreas, como linguística, semântica, taxonomia e até mesmo em linguagem cotidiana. Já a homonímia, conforme Cabral (1970, p. 58), “[...] é o fenômeno pelo qual podemos ter uma ou mais palavras diferentes com um significante igual, portanto a fórmula seria: n palavras = n significados — 1 significante”. Assim, a homonímia pode causar ambiguidade na comunicação, pois o contexto muitas vezes determina o significado pretendido da palavra. Portanto, é importante considerar o contexto ao interpretar ou usar palavras homônimas para evitar mal-entendidos. A homonímia é um fenômeno comum na língua e contribui para a riqueza e complexidade do vocabulário.

Mesmo havendo poucas ocorrências de ambiguidade na fala, é possível identificar casos em que a cadeia falada é passível de segmentações alternativas, de aparecimento de ambiguidades. Conforme Ilari (2001), existem falas que apresentam duas segmentações distintas, derivando sentidos múltiplos. O autor exemplifica com as seguintes frases: “Deu uma surra na mulher que a deixou bastante machucada. Bateu com as mãos e com a pá nela”; “Deu uma surra na mulher que a deixou bastante machucada. Bateu com as mãos e com a panela”(p. 13). Observa-se que as frases apresentam duas segmentações diferentes: “a pá nela” e “a panela”. Por isso, nota-se que, nem sempre, os sentidos que são construídos correspondem aos sentidos almejados.

Muitas vezes, faz-se necessário um material linguístico (textos, frases, entre outros) para fazer as passagens da significação, considerando que o sentido de um texto é cons-

truído na interação sujeitos-texto. Ilari (2001) exemplifica também que as primeiras palavras do Hino Nacional “ouviram” e “do” são, às vezes, analisadas como “O Virundum”, uma palavra que é utilizada, como nome jocoso do Hino Nacional, todavia não faz o menor sentido. O hino é escrito da seguinte forma: “**Ouviram** do Ipiranga as margens plácidas/ De um povo heróico o brado retumbante”, Ilari (2001, p. 14, grifo nosso). Lima *et al.* (2021) salientam a necessidade de trabalho com a ambiguidade de forma contextualizada:

Reafirma-se a necessidade de que, na escola, a ambiguidade não seja trabalhada somente a partir de frases descontextualizadas. Ela é um recurso relevante e instigante, que estimula a interpretação e a análise das situações comunicativas. A ambiguidade é uma ferramenta na construção de sentidos. Por isso, dentro da sala de aula é necessário ser vista como uma estratégia interpretativa que auxilia a ampliação dos conhecimentos linguísticos e compreensão textual dos alunos. (Lima *et al.*, 2021, p. 1749).

Esses processos de ambiguidade de sentidos são estudos proeminentes para o ensino dos fenômenos semânticos da língua portuguesa. Para Lima *et al.* (2021, p. 1737), “o estudo da semântica na escola, portanto, deve estar para além da produção de conhecimentos teóricos, ele precisa ter propósito para a vida”. Isso posto, é essencial para o processo educacional que o ensino desse fenômeno linguístico se expanda e seja trabalhado com base no seu contexto de produtividade, pois ler ambiguidades é dar condições de leitura para variáveis textos e tornar o aluno mais atento ao monitoramento da fala e à situação de uso da palavra. A seguir, será abordado sobre os gêneros textuais tirinhas, charges, *memes*, visando compreender como a ambiguidade se apresenta nesses textos e suas relações com a BNCC (Brasil, 2018).

### *TIRINHAS, CHARGES, MEMES E A BNCC*

O *corpus* desta pesquisa é formado pelos gêneros textuais tirinha, charge e *meme*. Professores de Língua Portuguesa utilizam os gêneros textuais como uma ferramenta em sua metodologia de ensino, no que se refere à análise, interpretação e produção textual. Nesse cenário, as ambiguidades, em especial a de segmentação, tornam-se tão necessárias, visto que alunos de ensino fundamental devem possuir uma boa comunicação, tanto na fala quanto na escrita, pois tal comunicação torna-se uma atividade de desenvolvimento sociocultural. Em vista disso, afirma Marcuschi (2002):

Os gêneros textuais caracterizam-se com eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (Marcuschi, 2002, p.20).

No que se refere aos gêneros textuais, coloca-se como evidência as tirinhas, charges e *memes*, muito utilizados, tanto em livros didáticos quanto em mídias digitais, fazendo parte do cenário atual dos alunos. As tirinhas são caracterizadas como uma sequência

de quadrinhos que geralmente causam o efeito de humor. Mendonça (2006 *apud* Brito; Elias, 2011, p. 6) afirma:

As tirinhas são apresentadas como: [...] uma subdivisão das HQs; com histórias mais curtas que facilitam e agilizam a leitura dos textos, podendo ser sequenciadas com narrativas mais longas ou fechadas (um episódio por vez). A temática presente na maioria das tiras é a sátira, elas normalmente satirizam aspectos políticos e econômicos do país.

Observa-se que as tirinhas tornam a leitura dos textos mais fácil e rápida, podendo seguir sequências narrativas mais longas ou fechadas. No geral, o conteúdo das tirinhas são satíricos. Frequentemente, fazem uso do humor e apresentam propósitos adicionais, como a crítica social.

As charges possuem uma relação direta a críticas de cenário social, que desempenham no aluno um papel fomentador em sua análise crítico-reflexiva relacionada a temas diversos. Silva (2010, p. 13) afirma que “o termo charge é francês, vem de *charger*, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor [...]”. Nota-se que as charges fazem uma crítica cheia de ironia e refletem, frequentemente, situações do cotidiano.

Conforme Souza (2023), “*Memes* são imagens estáticas, vídeos e textos que compartilham ideias, críticas ou apenas piadas”. Nos vídeos e imagens estáticas, não há necessariamente a adição textual, por isso, muitas vezes, apenas uma expressão ou foto se torna um *meme* viral, sem um apoio textual explicativo.

Tais gêneros textuais desempenham um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem do aluno, segundo definido na BNCC (Brasil, 2018). Esse documento de caráter normativo oferece parâmetros de ensino e aprendizagem com o objetivo de equipar as modalidades de ensino e os conhecimentos construídos pelos alunos. Assim, no decorrer das aulas, os professores têm como função padronizar o conteúdo dentro da realidade local para que as aulas sejam mais proveitosas e acessíveis a sua vivência. Freire (1996) afirma que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua própria produção. Assim, o aprendizado não consiste apenas em transpor experiências e compartilhá-las, mas em traduzi-las de forma adequada, alcançando a realidade vivida pelo aluno.

No Ensino Fundamental, a BNCC (Brasil, 2018) evidencia que fenômenos e práticas relacionadas às redes sociais devem ser tematizados e precisam ser vislumbrados usos mais colaborativos das redes. Vários são os gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos. Com o aumento do uso das tecnologias digitais, os textos multissemióticos tornaram-se bastantes corriqueiros. Assim, a análise de textos constituídos por múltiplas linguagens como as tirinhas, charges e *memes* faz parte dos conteúdos a serem desenvolvidos durante as aulas de língua portuguesa. A BNCC cita, em uma das habilidades, que os alunos do ensino fundamental devem ser capazes de “(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – **tirinhas, charges, memes,**

*gifs* etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.” (Brasil, 2018, p. 141, grifo nosso).

Os gêneros textuais trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa não devem ser abstraídos da realidade social dos alunos. Por essa razão, na escola, os gêneros tirinha, charge e *meme* devem ser usados como recursos didáticos de ensino e aprendizagem que oferecem múltiplas possibilidades de interpretação textual para alunos do Ensino Fundamental. A seguir, é apresentada a metodologia usada para a constituição desta pesquisa.

### METODOLOGIA

Por opção metodológica, adotou-se como procedimento metodológico a abordagem qualitativa, de natureza descritiva. De acordo com Creswell (2010, p. 209), “a pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem”. Em vista disso, cabe destacar que, na abordagem qualitativa, o foco está voltado a identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente. A pesquisa de natureza descritiva, de acordo com Alves (2011), é uma das classificações da pesquisa científica, na qual seu objetivo é descrever as características de uma população, um fenômeno ou experiência para o estudo realizado.

O *corpus* é composto de tirinha, charge e *meme*. A seleção do *corpus* foi realizada a partir dos seguintes critérios: textos atuais, viralizados, que estão em circulação nas mídias digitais, alvo do público jovem que está no Ensino Fundamental. O trabalho é constituído das seguintes etapas: 1. Identificação das mídias que apresentam os gêneros textuais pretendidos; 2. Seleção do *corpus*; 3. Análise da significação e sentidos alternativos presentes, especificamente do fenômeno semântico ambiguidade de segmentação no *corpus*; e 4. verificação da relação da análise do *corpus* com a BNCC (Brasil, 2018). A seguir, apresenta-se a análise dos casos com ocorrência de ambiguidade de segmentação.

### ANÁLISE DE CASOS COM OCORRÊNCIA DE AMBIGUIDADE DE SEGMENTAÇÃO

O gênero textual “tira” ou “tirinha” se caracteriza pelas histórias breves, comumente constituídas por três ou quatro quadrinhos. Geralmente, apresenta uma temática humorística e faz uma crítica aos valores sociais. O fenômeno semântico ambiguidade está presente nesse tipo de texto, servindo como instrumento intencional com o intuito de atingir o efeito de sentido planejado pelo autor. As aulas de Língua Portuguesa são ocasiões propícias para o trabalho com a leitura e interpretação textual desse fenômeno semântico. Nas análises semânticas que se apresentam, a seguir, ratificam-se esses pressupostos. A primeira análise (**Figura 1**) apresenta a tirinha do cartunista Laerte:



Figura 1: Tira de Laerte



Fonte: <http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/dia-a-dia/empregos/tira1.gif>.

A tira apresentada na **Figura 1**, retirada do site Uol, apresenta no enunciado o seguinte diálogo:

- Nome?
- Como?
- Seu nome!
- Ah! Lourimar Reis.
- Endereço.
- Como?
- Seu endereço!
- Ah! R. Biruna, 12, Fundos.
- Assina.
- ...
- Ah!
- “Minha sina é sofrer – aos treze anos perdi minha tia Noca e repeti a 2ª série”.... (Uol, 2016).

Nota-se que o humor é provocado devido ao entendimento equivocado do termo “assina” por “a sina”. Essa diferença de entendimento ocorreu porque se formou uma afinidade homofônica entre as palavras. Segundo Ilari (2001, p. 13), “há falas que se prestam a duas segmentações diferentes, resultando em sentidos diferentes”. Observa-se que o imperativo do verbo “assinar”, “assina”, e o artigo “a” com o substantivo feminino “sina” são as categorias de palavras que ocasionam a ambiguidade de segmentação, visto que resultam, para quem ouve, em sentidos diferentes.

As palavras “assinar” e “sina”, segundo Aulete (2011), apresentam os seguintes significados: “assinar” significa “1) escrever o próprio nome em. [...]; 2) reconhecer-se como autor de. [...]; 3) contratar o recebimento de (publicação, serviço, etc.) [...]; 4) comprometer-se em atuar sob a tutela de [...]” (Aulete, 2011, p. 79). “Sina” significa “destino, predestinação” (Aulete, 2011, p. 801). Assim, observa-se que os vocábulos apresentam significados diferentes, porém, no contexto da tirinha, um personagem, ao ouvir a palavra “assina”, correlacionou com “a sina”, gerando uma ambiguidade de segmentação.

A segunda análise é constituída de uma charge (**Figura 2**), retirada do site “Jornal a Cidade”:

**Figura 2:** Charge da Construção Civil

Fonte: <http://www.jornalacidade.com.br/img/charges/265.jpg>.

Na **Figura 2**, a charge de Andrade (2023) apresenta uma ambiguidade de segmentação na palavra “civil” e “cê viu”. O adjetivo “civil” relaciona-se com uma construção civil de um edifício. O personagem engenheiro utiliza o recurso linguístico para elogiar a estrutura da obra, entretanto, no segundo ponto, outro personagem utiliza a expressão “cê viu” para perguntar se a moça havia visto a destruição ambiental ocorrida no local. Nota-se que as expressões “civil” e “cê viu”, apesar de terem pronúncia similar, apresentam segmentações de sentidos alternativos.

Ilari (2001) afirma que as pessoas não costumam separar as palavras no decorrer de suas falas. Vale evidenciar que a charge analisada aborda uma vasta possibilidade para professores em sala de aula realizarem discursos de desigualdade sociais, visto que, na imagem superior, apresenta-se uma camada mais rica da sociedade e, na inferior, um público mais carente, a quem restaram os resquícios residuais da tal construção.

Acrescenta-se que a terceira análise é constituída de um *meme* (**Figura 3**), retirado da rede social *online* “pinterest”:

**Figura 3:** Meme da lagosta

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/56858014029482044/>

O *meme* apresentado na **Figura 3** demonstra uma clara troca da palavra “lagosta”, crustáceos decápodes comum (*Palinurus Elephas*), por “ela gosta”, sentimento relativo a

agrado de algo ou alguém, junção vocal comum e apresenta determinadas semelhanças na estrutura fonética, causando segmentações diferentes. Ullmann (1964) afirma que:

[...] a ambiguidade pode resultar, na linguagem falada, da estrutura fonética da frase. Uma vez que a unidade acústica da linguagem seguida é o grupo pronunciado sem interrupção, e não a palavra individual, pode acontecer que dois daqueles grupos formados por palavras diferentes se tornem homônimos e assim potencialmente ambíguos”. (Ullmann, 1964, p. 323).

Vale ressaltar que o *meme* apresenta um cachorro reagindo emocionalmente às frases do homem de maneiras distintas, bem comuns nos *memes* da internet. No segundo quadro, o cachorro aparece com a sua cabeça flutuando, rodeado de imagens que se assemelham à *Cannabis Sativa* (trata-se de uma planta que é uma herbácea da família das *Canabiáceas* utilizada nas versões maconha e cânhamo), o que leva a entender que o cachorro está tendo alucinações. Tal estratégia é utilizada para relacionar a algo “fora do comum”, como ocorre no decorrer do *meme*, ainda que reproduza uma informação verdadeira utilizada pelo cachorro.

Levando em consideração o quarto quadro, optou-se por uma escolha de um cachorro com aparente fisionomia de estar às gargalhadas, identificado pelo recurso linguístico “k”, na legenda, para relacionar a sorrisos. O homem segura uma lagosta que, possivelmente, possa ser confundida com um camarão, ainda que pouco habitual, visto que possuem aspectos diferentes. Tal confusão atribui o sentido cômico para o *meme*, e uma ambiguidade entre “é Lagosta” e “ela gosta” (não indicado por linguagem verbal, mas entendido no contexto do *meme*), visto assim com perda de força na reprodução das palavras. Ullmann (1964, p. 85) afirma que esse “[...] processo de redução e perda de força pode algumas vezes levar à ambiguidade [...]”.

Torna-se evidente a tentativa de utilizar a imagem como recurso explicativo para a situação ambígua encontrada. Essa ferramenta pode fornecer ao (à) professor (a) mecanismos de compreensão aos alunos na sala de aula, pois evidencia corretamente o caso apresentado. Ilari (2001, p. 13) afirma que “há falas que, mal segmentadas, deixam sobrar ‘restos’ impossíveis de analisar”, tais quais as do *meme* do *corpus*.

Ressalta-se, ainda, que, ao focar determinada estratégia de significação, como a ambiguidade, pode-se observar que, para ser construída, se utiliza das conotações, das hiponímias, das homonímias, entre outras. Entende-se que, de acordo com Abrahão (2018, p. 109), “[...] ao olhar um processo de significação separadamente, no caso, a *ambiguidade*, o professor aprofunda discussões sobre seu uso. Com isso evita a atitude simplista de só identificar ambiguidades, passando a observar a produtividade delas”. Conforme o contexto em que aparecem, o aluno passa a notar a produtividade em tirinhas, charges e *memes* e o seu uso problemático em textos informativos. Pode-se observar, então, os tipos de ambiguidades que mais aparecem em determinados discursos.

É importante destacar que as possibilidades para a análise de ambiguidade de segmentação são imensas. As mídias digitais tornam-se um arcabouço ilimitado para atividades em sala de aula, em que os professores não estejam limitados ao livro didático

e possam explorar as potencialidades de seus alunos na análise das ambiguidades em diferentes gêneros textuais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa visou identificar casos em que há ocorrência da ambiguidade de segmentação. Com a análise do *corpus*, notou-se que há necessidade de monitoramento da fala que, por vezes, pode apresentar más segmentações que ficam difíceis de analisar e compreender. A ambiguidade pode resultar, na linguagem falada, da estrutura fonética da frase. Isso porque a unidade acústica da linguagem seguida é o grupo falado sem pausa, podendo incidir que dois grupos formados por palavras diferentes se tornem potencialmente ambíguos.

Os resultados comprovam que as tirinhas, charges e *memes* são ferramentas na construção de sentidos, e a utilização deles são importantes aportes pedagógicos para refletir acerca da ambiguidade de segmentação, auxiliando no aprofundamento dos estudos semânticos e na compreensão da linguagem oral e escrita do processo ensino-aprendizagem.

Além disso, verificou-se que é possível identificar casos em que a cadeia falada é passível de segmentações de sentidos alternativos, causando ambiguidades. Evidenciou-se que a ambiguidade é um fenômeno semântico que estimula o raciocínio, a perspicácia dos leitores e a interpretação de mundo. O ensino desse aspecto semântico em sala de aula está voltado para a ampliação do conhecimento linguístico dos discentes, tendo em vista a aprendizagem da língua materna, com o propósito de desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

O emprego desses textos multissemióticos é indicado na BNCC (Brasil, 2018), pois envolvem o uso de diferentes linguagens compartilhadas nas diversas mídias digitais. Quando esses textos apresentam ambiguidades de segmentação, são relevantes para estimular a percepção e atribuição de sentidos aos enunciados e da segmentação correta das palavras ao escrever textos em língua portuguesa no Ensino Fundamental.

### REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Virgínia Beatriz Baese. **Semântica, enunciação e ensino**. Vitória: EDUFES, 2018.
- ALVES, Igor. **Pesquisa descritiva**. Significados. 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-descritiva/>. Acesso em: 13 ago. 2023.
- ANDRADE, Renato. **Jornal a cidade**. Disponível em: <http://www.jornalacidade.com.br/img/charges/265.jpg>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação, 2018.
- CABRAL, Leonor Scliar. Homonímia. **Letras de Hoje**, v. 5, n. 1, 1970.
- CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.
- LIMA, Adriana Alves Silva *et al.* Ambiguidade no gênero *meme* e a construção de sentido pelo efeito de humor. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 4, p. 1733-1752, nov.-dez. 2021.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela. Paiva. *et al.* (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à Semântica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PINTEREST. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/56858014029482044/> Acesso em: 16 de jun. 2023.
- SAEED, John Ibrahim. **Semantics**. 3. ed. Singapura: Utopia Press PteLtd, 2009.
- SILVA, Alessandra Gomes da. **A leitura de charges e tirinhas como recurso pedagógico na educação de jovens e adultos surdos**. INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2010. Disponível em: [https://alb.org.br/arquivo-morto/portal/5seminario/PDFs\\_titulos/A\\_leitura\\_de\\_charges\\_e\\_tirinhas\\_como\\_recurso.pdf](https://alb.org.br/arquivo-morto/portal/5seminario/PDFs_titulos/A_leitura_de_charges_e_tirinhas_como_recurso.pdf). Acesso em: 31 ago. 2023.
- SOUZA, Miguel. **Memes**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/memes.htm>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Trad. De J. A. Osório Mateus. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- UOL. **Tiras de Laerte**. Folha de São Paulo. 9 de abr. 2016. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/dia-a-dia/empregos/tira1.gif>. Acesso em: 16 jun. 2023.